

CONTOS  
PECULIARES

RANSOM RIGGS





CONTOS  
PECULIARES





MILLARD NULLINGS (ORG.)

ILUSTRADO POR ANDREW DAVIDSON

EDIÇÕES SYNDRIGAST

Copyright © 2016 by Edições Syndrigast  
Organização e notas: Millard Nullings  
Ilustrações: Andrew Davidson

Impresso em uma tenda nômade no Deserto de Lop, por alguns conhecido como Grande Vale de Lop, que se estende para leste ao longo do sopé do Kuruk-Tagh até a Bacia do Tarim, na região autônoma de Xinjiang Uyghur, uma planície quase perfeitamente horizontal.  
Encadernado nas profundezas de uma instalação subterrânea cuja entrada, localizada entre a Fish Street Hill e a Pudding Lane, em Londres, recomenda-se não tentar encontrar, para sua própria segurança.

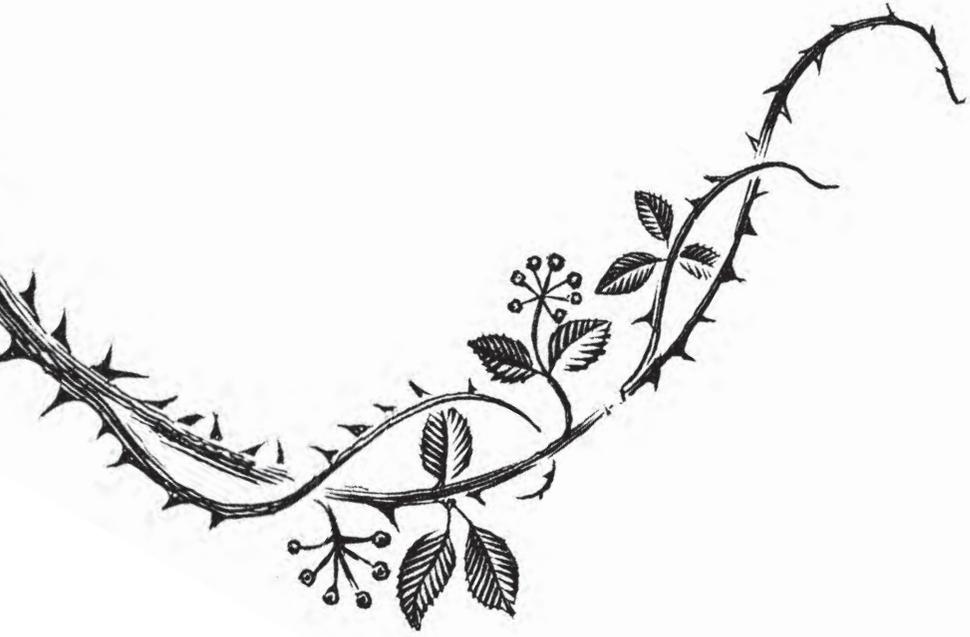
Revisado diligentemente pelas duas cabeças e os cinco olhos de Patricia Panopticot.  
*“Caesar non supra grammaticos.”*

Favor não copiar, arrancar ou rasurar as páginas deste livro. Favor não utilizar este livro como porta-copos ou peso de papel. Favor não ler o terceiro conto deste livro de trás para a frente em voz alta — o organizador da obra não se responsabiliza pelas consequências.



Para Alma LeFay Peregrine, que me ensinou a amar histórias.

— *MN*



*Homo sum: humani nil a me alienum puto.*

— Terêncio







Apresentação • 15

Os esplêndidos canibais • 21

A princesa da língua bifurcada • 41

A primeira *ymbryne* • 55

A mulher que era amiga de fantasmas • 79

Cocobolo • 93

As pombas (da Catedral) de St. Paul • 117

A menina que domava pesadelos • 127

O gafanhoto • 151

O garoto que podia controlar o mar • 169

A história de Cuthbert • 191





Prezado leitor,

O livro que você tem em mãos foi escrito apenas para olhos peculiares. Se, por acaso, você não pertence à estirpe dos anômalos (em outras palavras, se nunca saiu flutuando da cama no meio da noite porque esqueceu de amarrar a si mesmo ao colchão, se nunca soltou chamas pela palma das mãos em momentos inoportunos, nem mastigou a comida com a boca que tem na nuca), então, por favor, devolva imediatamente este exemplar à estante onde o encontrou e o esqueça. Não se preocupe, você não vai perder nada. Tenho certeza de que, caso lesse as histórias deste livro, apenas as acharia estranhas, aflitivas e nem um pouco do seu agrado. Além do mais, elas não são da sua conta.

Muito peculiarmente,

*O editor*







## APRESENTAÇÃO

**S**E VOCÊ É DA CLASSE DOS PECULIARES (E, SE leu até aqui, espero, sinceramente, que seja), então este livro não necessita apresentação. Estas histórias provavelmente foram uma parte muito importante e querida de sua formação, e, enquanto crescia, você as leu ou as ouviu serem contadas com tanta frequência que poderia recitar as suas preferidas palavra por palavra. Se, entretanto, você está entre aqueles que tiveram a infelicidade de descobrir sua peculiaridade há pouco tempo ou de crescer em circunstâncias em que não havia literatura peculiar disponível, ofereço este breve compêndio.

*Contos peculiares* é uma coletânea de nosso folclore mais estimado. Passadas de geração em geração desde tempos imemoriais, as narrativas são, além de históricas, parte conto de fadas e parte ensinamentos morais destinadas a jovens peculiares. Procedem de partes diversas do globo, de tradições tanto orais quanto escritas, e passaram por transformações surpreendentes ao longo dos anos. Sobreviveram por todo esse tempo porque são amadas por seus méritos como histórias, mas não apenas por isso. São portadoras de um conhecimento secreto. Codificadas nestas páginas estão as localizações de fendas ocultas, a identidade secreta de certos peculiares importantes e outras informações úteis para a sobrevivência de um peculiar neste mundo hostil. Sei disso



por minha própria experiência: é graças aos *Contos* que hoje estou vivo para escrever estas histórias. Eles preservaram não apenas minha vida, mas também a de meus amigos e de nossa querida *ymbryne*. Eu, Millard Nullings, sou prova viva da perene utilidade destas histórias, embora tenham sido escritas muito tempo atrás.

Por isso é que me dediquei a sua preservação e disseminação, assumindo a tarefa de organizar e comentar esta edição especial dos *Contos*. Não é de maneira alguma integral e definitiva (a edição que cresci lendo era um calhamaço de três volumes que, juntos, pesavam mais que minha amiga Bronwyn), mas contém minhas histórias preferidas, e tomei a liberdade de incluir notas com informações históricas e contextualizadas, para que peculiares de toda a parte possam se beneficiar do meu conhecimento. Também tenho a esperança de que esta edição, por ser mais concisa que as anteriores, se torne uma companheira fácil em suas viagens e aventuras, desse modo se revelando tão útil para você como foi para mim.

Então, por favor, aproveite estes *Contos* — de preferência diante de um fogo crepitante em uma noite fria, com um urxí-nim roncando a seus pés —, mas lembre-se do caráter delicado de seu conteúdo, e, se for lê-los em voz alta (coisa que recomendo fortemente), que seja para um público de peculiares.

*Millard Nullings*

*Fidalgo Escudeiro*





# CONTOS PECULIARES





*Os esplêndidos canibais*







Os peculiares da aldeia de Swampmuck viviam de forma bastante humilde. Tiravam seu sustento do plantio da terra e, embora não possuíssem objetos de luxo e habitassem casas de estrutura frágil feitas de junco, eram saudáveis, alegres e não precisavam de muito. Os alimentos cresciam abundantemente nos jardins, os riachos ofereciam água límpida e até as humildes residências davam a sensação de luxo, pois o clima em Swampmuck era bastante agradável e os habitantes se dedicavam tanto a suas atividades que, após um longo dia de trabalho na lama, simplesmente se deitavam e adormeciam.

A época da colheita era a melhor do ano. Trabalhando sem parar, os habitantes colhiam os melhores lírios-do-brejo que houvessem crescido nos pântanos, embalavam-nos e os levavam, em carroças puxadas por burros, até o mercado da cidade de Chipping Whippet, uma viagem de cinco dias, para vender o que conseguissem. Era um trabalho árduo. Ásperos que eram, os lírios-do-brejo feriam as mãos; os burros eram mal-humorados e às vezes mordiam; a estrada para o mercado era cheia de buracos e infestada de ladrões; acidentes graves eram frequentes, como aquele em que o aldeão Pullman, em tamanha exaltação durante o momento da colheita,

decepoou com a foice a perna de seu vizinho, o aldeão Hayworth. O vizinho ficou compreensivelmente aborrecido, mas os habitantes de Swampmuck eram tão amáveis que logo o ocorrido foi superado.

O dinheiro que os aldeões ganhavam no mercado era pouco, mas atendia a suas necessidades e ainda lhes permitia comprar algumas peças de picanha de bode. Em torno dessa iguaria se realizava um festival agitado, que durava dias. Naquele mesmo ano, logo após o encerramento do festival, quando os aldeões estavam prestes a retomar o trabalho nos campos, três visitantes chegaram à aldeia. Swampmuck raramente recebia visitantes, pois não era o tipo de lugar que as pessoas tinham vontade de conhecer, e sem dúvida nunca tinha recebido visitantes como aqueles: dois homens e uma dama vestida dos pés à cabeça com rica seda brocada. Os três chegaram em belos cavalos árabes. Embora fossem obviamente ricos, pareciam abatidos e balançavam, sem forças, em suas selas cravejadas de pedras preciosas.

Os habitantes do vilarejo se aproximaram, curiosos e maravilhados com as belas roupas e os cavalos dos forasteiros.

— Tomem cuidado! — alertou a aldeã Sally. — Eles parecem estar doentes.

— Estamos em viagem, a caminho da costa de Meek<sup>1</sup> — explicou um dos visitantes, que parecia ser o único que ainda tinha forças para falar. — Fomos abordados por bandidos há algumas semanas. Conseguimos despistá-los, mas nos perdemos completamente e desde então estamos andando em círculos, à procura da velha estrada Romana.

— Vocês não estão nem perto da estrada Romana — disse a aldeã Sally.

---

<sup>1</sup> Histórica zona de exílio localizada, acredita-se, em alguma região da atual Cornualha.

— Nem da costa de Meek — completou o aldeão Pullman.

— A que distância fica daqui? — perguntou o homem.

— Seis dias de viagem — respondeu a aldeã Sally.

— Nunca conseguiremos — concluiu o homem, em tom sombrio.

Em seguida, a dama de vestido de seda caiu da sela para o chão.

Apesar dos temores, os aldeões se comoveram. Resgataram a dama caída e levaram a ela e a seus companheiros para a casa mais próxima, onde lhes deram água e os acomodaram em colchões de palha. Uma dúzia de aldeões se reuniu em torno deles, oferecendo ajuda.

— Abram espaço! — ordenou o aldeão Pullman. — Eles estão exaustos, precisam descansar!

— Não, eles precisam de um médico! — disse a aldeã Sally.

— Não estamos doentes — disse o homem. — Estamos com fome. Nossos mantimentos acabaram. Não comemos nada há uma semana.

A aldeã Sally se perguntou por que pessoas tão ricas não tinham simplesmente comprado comida de outros viajantes que encontrassem pela estrada, mas, por educação, não se pronunciou sobre o assunto. Ela mandou alguns garotos da aldeia irem buscar tigelas de sopa de lírio-do-brejo, pão de painço e o pouco que sobrara de picanha de bode do festival. Mas os visitantes recusaram.

— Não quero parecer rude, mas não podemos comer isso.

— Sei que é uma oferta humilde e que os senhores provavelmente estão acostumados a banquetes dignos de um rei, mas é tudo o que temos — respondeu a aldeã Sally.

— Não é isso. Grãos, vegetais e carne de animais... Nosso corpo simplesmente não consegue digerir tais alimentos. Se nos obrigarmos a comer, só ficaremos mais fracos.

Os aldeões não compreenderam.

— Se não podem comer grãos, vegetais nem carne de animais, o que os senhores *podem* comer? — indagou o aldeão Pullman.

— Pessoas — respondeu o homem.

Todos que estavam ali deram um passo para trás.

— Estão dizendo que... que são... *canibais*? — perguntou o aldeão Hayworth.

— Por natureza, não por escolha — retrucou o homem. — Mas, sim.

O homem prosseguiu explicando que eram canibais civilizados, que nunca matavam inocentes. Eles, assim como outros da mesma espécie, haviam feito um acordo com o rei garantindo que jamais comeriam pessoas à força. Em troca, tinham autorização para comprar, a um custo altíssimo, membros amputados de vítimas de acidentes e o corpo de criminosos enforcados. Sua dieta era formada apenas por esses itens. Eles agora estavam a caminho da costa de Meek porque era o lugar na Grã-Bretanha que ostentava tanto o índice mais alto de acidentes quanto o maior número de mortes por enforcamento, por isso a comida lá, apesar de não propriamente farta, era de certa maneira abundante.

Embora canibais naquela época fossem ricos, quase sempre passavam fome; respeitando a lei, estavam condenados a levar uma vida em constante subnutrição, atormentados por um apetite que quase nunca podiam satisfazer. E aqueles canibais que tinham chegado a Swampmuck, já famintos e a muitos dias de distância de Meek, estavam provavelmente condenados à morte.

Fosse qualquer outro vilarejo, de peculiares ou não, os habitantes teriam, depois de ouvir tudo isso, apenas dado de ombros e deixado os canibais morrerem de fome. No entanto, os aldeões eram compassivos, quase em excesso, até, e por isso ninguém se surpreendeu quando o aldeão Hayworth deu um passo à frente e disse:

— Por acaso, perdi minha perna em um acidente alguns dias atrás. Eu a joguei no pântano, mas tenho certeza de que consigo encontrá-la, se as enguias ainda não a tiverem comido.

Os olhos dos canibais brilharam.

— O senhor faria isso? — disse a mulher canibal, jogando paras trás a mecha de cabelo que caía sobre as faces esqueléticas.

— É um pouco estranho — respondeu o aldeão Hayworth —, mas não podemos simplesmente deixar os senhores morrerem.

Os outros aldeões concordaram. Assim, Hayworth foi mancando até o pântano, onde encontrou a perna. Ele espantou as enguias que a mordiscavam e a levou em uma travessa para os canibais.

Um dos homens ofereceu ao aldeão uma bolsa de moedas.

— O que é isso? — perguntou Hayworth.

— Pagamento. A mesma quantia que o rei nos cobra — explicou o canibal.

— Não posso aceitar — disse Hayworth, e tentou devolver o dinheiro. Mas o canibal levou a mão às costas, sorrindo.

— É o justo a se fazer. O senhor salvou nossa vida!

Os aldeões deram as costas educadamente quando os canibais começaram a comer. O aldeão Hayworth abriu a bolsa de moedas, olhou em seu interior e ficou pálido. Era a maior quantia de dinheiro que ele já vira.

Os canibais passaram os dias seguintes se alimentando e recuperando as forças. Quando finalmente se sentiram prontos para partir outra vez para a costa de Meek (dessa vez com instruções claras), todos os aldeões de Swampmuck se reuniram para a despedida. Os canibais então viram o aldeão Hayworth caminhando sem a ajuda de muletas.

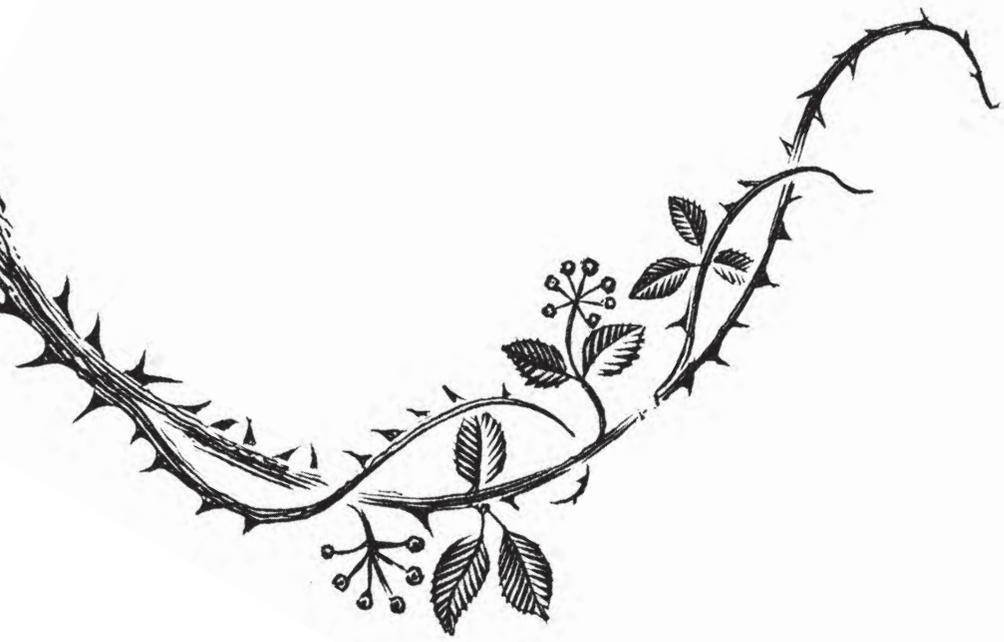
— Eu não entendo! — disse um dos canibais, atônito. — Achei que tivéssemos comido sua perna!







MILLARD NULLINGS é um renomado filólogo e ex-morador do lar da srta. Peregrine para crianças peculiares. Enquanto viveu lá, obteve mais de vinte diplomas por correspondência, escreveu o mais abrangente relato de um único dia em uma ilha e ajudou a derrotar monstros terríveis. É alérgico a caspa de urxinim e óleo de amêndoas. Não pode ser visto a olho nu.









© TAHEREH MAFI

**RANSOM RIGGS** chegou ao topo da lista de mais vendidos do *The New York Times* com a série *O lar da srta. Peregrine para crianças peculiares*. Nasceu em uma fazenda no estado americano de Maryland e cresceu no sul da Flórida. Estudou literatura na Kenyon College e cinema na University of Southern California. Atualmente, mora em Los Angeles com a esposa, a também escritora Tahereh Mafi.



© JULIA DAVIDSON

**ANDREW DAVIDSON** é formado em design gráfico pela Royal College of Arts. Trabalhou como ilustrador em diversas áreas, sempre se concentrando em artes manuais e desenho. Sua eclética experiência profissional inclui a produção de xilogravuras para *O homem de ferro*, de Ted Hughes, mais de doze conjuntos de selos para o Correio Britânico e as gravações em vidro nas portas da quadra central de Wimbledon.



Copyright © 2016 by Ransom Riggs  
Copyright das ilustrações © 2016 by Andrew Davidson  
Arte das capitulares © Pepin Press  
Outras imagens © Shutterstock

TÍTULO ORIGINAL  
Tales of the Peculiar

TRADUÇÃO  
Edmundo Barreiros

PREPARAÇÃO  
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO  
Rayana Faria  
Juliana Werneck

DIREÇÃO DE ARTE  
Deborah Kaplan

ARTE DE CAPA E PROJETO GRÁFICO  
Lindsey Andrews

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DE PROJETO GRÁFICO  
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
R426c

Riggs, Ransom  
Contos peculiares / Ransom Riggs ; tradução Edmundo Barreiros. -  
1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.  
208 p. : il. ; 23 cm. (O lar da srta. Peregrine para crianças peculiares)

Tradução de: Tales of the peculiar  
ISBN 978-85-510-0053-3

I. Ficção americana. I. Barreiros, Edmundo. II. Título. III. Série.

16-34851

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

1ª edição      SETEMBRO DE 2016  
impressão      INTERGRAF  
papel de miolo      PÓLEN SOFT 80G/M<sup>2</sup>  
papel de capa      CARTÃO SUPREMO ALTA ALVURA 250G/M<sup>2</sup>  
tipografia      BULMER







## Antes de haver o lar da srta. Peregrine, a história dos peculiares estava escrita nos *Contos*

---

O menino que virou gafanhoto e fugiu com os gansos. A princesa com língua de cobra à procura de um príncipe com quem se casar. Canibais ricos que comem braços de peculiares.

Essas são apenas algumas das histórias reunidas nesta coletânea pelo estudioso Millard Nullings, o menino invisível acolhido no lar da srta. Peregrine. Passados de geração em geração há séculos, os *Contos* guardam, em suas histórias sombriamente divertidas, informações valiosas sobre o mundo peculiar. Saiba como foi criada a primeira fenda temporal, acompanhe a batalha das pombas de Londres contra os humanos e descubra detalhes inusitados nos surpreendentes comentários e notas de Millard.

Um livro fascinante para qualquer leitor e um delicioso presente para os fãs da série.

---

ISBN 978-85-510-0053-3



9 788551 000533

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)